



O Analfabetismo Funcional em Alunos Universitários

Patrícia Luciano de Farias Teixeira¹, Maria das Graças Souza², Maria Alves Farias³

¹Professora do IFTO – Campus Paraíso do Tocantins, e-mail: patyfarias@ifto.edu.br

²Professora da Escola Estadual Liberdade – Palmas – TO, email: Moraes.23@hotmail.com

³Doutoranda em Ciência da Educação e Professora-Orientadora Faculdade Itop – Palmas-TO

Resumo: Este estudo teve por objetivo tecer algumas considerações sobre o quadro de defasagem de leitura e interpretação de textos por parte dos alunos de cursos superiores e seu possível prejuízo quanto a sua formação. A discussão se baseia na premissa de que, no ensino superior, ainda estão em formação cidadãos críticos e pensantes para o exercício de sua função, de maneira que a interpretação dos instrumentos utilizados não pode passar despercebida dentro das atividades adotadas pelos professores. Percebe-se que o aluno sai do ensino regular e ingressa no ensino superior com níveis baixíssimos de compreensão, leitura e escrita, prejudicando assim seu desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal.

Palavras chaves: defasagem, ensino superior, interpretação, leitura

1. INTRODUÇÃO

No intenso debate sobre a reforma da educação superior proposto pelo Ministério da Educação, qualidade é uma palavra-chave. Não se trata, contudo, de qualidade como elemento indefinido nem de mensuração simplista e sim, tratada em sua complexidade, deve ser capaz de contemplar o mérito acadêmico conjugado com o papel contemporâneo e estratégico que a educação deve desempenhar no desenvolvimento econômico e social de uma nação. A constante necessidade do homem moderno de estar à frente das novas tecnologias e acesso às demandas que o incluirá no mercado de trabalho, nos faz esquecer de voltar nossos olhares críticos – e muitas vezes céticos - para o antigo e ainda muito discutido questionamento quanto a sua competência ao ingressar no ensino superior. Esta discussão se baseia na premissa de que, no ensino superior, ainda estão em formação cidadãos críticos e pensantes para o exercício de sua função, de maneira que a interpretação dos instrumentos utilizados não pode passar despercebida dentro das atividades adotadas pelos professores. Percebe-se que o aluno sai do ensino regular e ingressa no ensino superior com níveis baixíssimos de compreensão, leitura e escrita, prejudicando assim seu desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal. Isso é perceptível nos relatórios, trabalhos aplicados e em suas avaliações, onde o mesmo é obrigado a dissertar sobre diversos temas. Até mesmo alguns programas de televisão fazem sátiras e verdadeiros *shows* de apontamento com esse grave problema enfrentado há muito tempo.

Nessa perspectiva, questiona-se: A universidade está tomando para si um papel que não deveria ser seu: o de ensinar o básico? Os jovens estão preparados para o ensino superior? Houve uma aprendizagem eficaz no que tange sua interpretação de diversos textos? Até que ponto essa defasagem trará prejuízo para o aluno no exercício de sua profissão? E até que ponto esse fator prejudica o ensino superior, tirando seu foco real de ensino para o ensino básico?

Essa fragilidade do exercício da leitura ocorre desde as primeiras séries do ensino fundamental, mesmo acentuando-se o discurso de que os alunos devem ler para se tornarem cidadãos críticos e criativos. Infelizmente, a realidade é que muitos estudantes que chegam à universidade possuem um atraso significativo de leitura. Para Foucambert (1994) o analfabetismo funcional envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominam essas técnicas de correspondência grafo - fonética em certo período de sua vida, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício com elas. O autor afirma que a escola atual continua pretendendo atingir o objetivo de alfabetização para ao qual foi idealizada no período de industrialização da sociedade e que tinha como propósito, apenas, favorecer o acesso dos trabalhadores aos procedimentos e técnicas de leitura e escrita, com vistas ao aperfeiçoamento em massa desta ferramenta de produção para atender às exigências do desenvolvimento do mundo do trabalho; exigências estas que se restringiam ao automatismo e à



repetição das atividades, sem a necessária reflexão sobre elas ou sobre suas implicações e consequências.

Ainda segundo Foucault (1994; 1997), a escrita é o instrumento do pensamento reflexivo e só o contato com ela pode favorecer o desenvolvimento de um pensamento abstrato, complexo e de natureza diferenciada daquele permitido pela linguagem oral. É a escrita que permite a construção de pontos de vista e de uma visão de mundo, e a atribuição de sentido a este mundo. Já a leitura é aquela que vai em busca desses pontos de vista, verificando-os, questionando-os e investigando os meios de sua elaboração. Só a leitura, entendida como uma atividade social e reflexiva pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva.

É a partir desta perspectiva que Foucault (1994), em sintonia com Smith (1999) e Solé (1998), defende um ensino de leitura no qual se aprende a ler lendo, onde o aprendiz pode estar em contato com os mais diversos tipos de textos sociais dos quais precisa e se utiliza no cotidiano, e no qual o único pré-requisito para este aprendizado é a capacidade de questionar sobre as coisas do mundo. Afirmam ainda que a leitura não pode ser ensinada e que a responsabilidade do adulto (pais ou professores) é facilitar o aprendizado desta atividade através do acesso da criança a uma variedade de textos. Para estes autores, as habilidades de leitura são desenvolvidas por meio da imersão na escrita e na prática da leitura, não podendo ser ensinadas de maneira isolada e descontextualizada das práticas sociais.

Diariamente ouvem-se matérias que retratam a questão da falta de leitura e a incompreensão de diversos textos por parte dos educandos e até mesmo sobre as dificuldades de ensino/aprendizagem. Somos bombardeados por propostas de melhorias na educação, novas tecnologias, novo modelo de plano de ensino, novo currículo que promete inovar o ensino/aprendizagem, formações continuadas, fóruns internacionais, professores-artistas, novas fórmulas para apreensão dos conteúdos, enfim, uma série de alternativas que prometem acabar de vez com as dificuldades dos jovens. Mas por que será que todas essas “metodologias inovadoras” não correspondem às expectativas do desejado ensino de qualidade eficaz que impulse seus alunos para a universidade com uma boa bagagem de conhecimentos básicos? São realmente necessárias todas essas propostas para que se faça do indivíduo um cidadão crítico e pensante em relação ao seu cotidiano? A educação está somente centrada na escola e é somente ela quem deveria preparar esse indivíduo para a vida?

O aluno, ao chegar à universidade, já deveria possuir uma capacidade adaptativa aos diferentes conteúdos, assim como também um bom desempenho em leitura. O fator socioeconômico determina quase que totalmente a formação do sujeito leitor, pois um ambiente favorável e motivador o qual inclui neste, o lugar, os pais, escola, propiciam um bom desempenho em leitura. No que tange à universidade, os lugares também são importantes, assim como uma boa biblioteca com uma variedade de livros relacionados tanto para os estudos acadêmicos quanto para a vida pessoal dos alunos. Witter (1999). Os alunos universitários não estão chegando à universidade como leitores plenamente desenvolvidos, portanto, são ainda imaturos. Tessaro (apud SANTOS, 2004).

Para Nogueira e Valezzi (apud, Witter, 1979), existe um ciclo vicioso de responsabilidade no ensino da leitura na escola. Em geral, os professores das séries iniciais acusam os pais por não colaborarem no processo da leitura, os professores das séries seguintes, por sua vez, acusam os anteriores. A universidade culpa os professores de ensino médio que ela própria formou pela falta de habilidades que muitos estudantes apresentam no desenvolvimento da leitura. Enfim, é cada um passando a responsabilidade pela deficiência de leitura dos estudantes.

Estudos realizados por Witter (1997), Oliveira (1993) e Santo (1998) sobre a Leitura e Universidade, indicam que um dos grandes empecilhos para o satisfatório desempenho do universitário ao longo do curso é a falta de habilidades para compreender o discurso textual, a ponto de tornar pouco eficiente a utilização de textos como ferramenta de informação para ele. Dizem ainda que muitos estudantes universitários que possuem defasagem com relação à leitura, se acomodam, arrastando-se pelas diversas disciplinas, enfrentando dificuldades que atribuem, por exemplo, ao ensino, ao currículo, ao professor etc.



Considerando que as habilidades de leitura e escrita não podem ser tomadas de forma separada da informação cultural que cada indivíduo possui, Hirsch Jr. (1988) afirma que o analfabetismo não é simplesmente incapacidade de ler e escrever, mas uma deficiência de informação cultural, que não pode ser remediada com métodos centrados exclusivamente na técnica ou no treinamento de habilidades.

Várias pesquisas apontam as deficiências de compreensão e o escasso hábito de leitura entre universitários como responsáveis, em grande parte, pelo baixo desempenho acadêmico desses alunos, já que a escolarização em nível universitário pressupõe uma considerável quantidade de trabalho intelectual, exigido principalmente em atividades de leitura, compreensão e expressão de conteúdos complexos. (Marini, 1986; Santos, 1991; Pellegrini, 1996; Arouca, 1997).

Mas existe uma maneira de se resolver esse grave problema? Por que as atividades e sua defasagem durante os longos anos de ensino básico são percebidas e tratadas de forma velada, como se elas não existissem? Nesse contexto, o papel da escola é questionado, como são questionadas as políticas públicas, que primam pela alfabetização da população, mas não por uma efetiva capacitação do sujeito a ler de forma competente e crítica. (Grifo nosso)

A escola também se apresenta como um das instituições capazes de transformar essa situação, no entanto necessita priorizar a qualidade e não deve ser a única a se responsabilizar por tal intento. A participação de todas as instâncias sociais e políticas, governamentais e não governamentais, é fundamental para reverter o analfabetismo e formar o leitor crítico, “um leitor capaz de entrar em confronto com o texto para (re)construir o sentido (ideológico ou contraideológico), de suas linhas e entrelinhas”, como assinala Azevedo (1995, p. 48).

Foucambert (1997), partindo de uma perspectiva mais política, afirma que o aprendizado da leitura só é garantido quando se desvela ao seu aprendiz o poder de transformação e mudança que apenas o escrito (e não o inscrito!) possui; um poder que é capaz de livrar o sujeito-leitor das malhas da resignação, da obediência, da determinação e da impotência, já que só este tipo de relação com o escrito pode levá-lo a perceber o mundo de uma outra perspectiva, permitindo-lhe a teorização da experiência cotidiana e uma nova organização dos fatos.

Silva (1992, p.80) é irrefutável ao garantir que "a criticidade faz com que o leitor não só compreenda as ideias veiculadas por um autor, mas leve-o também a posicionar-se diante delas". Nesse sentido, é imprescindível que o aluno tenha um bom conhecimento de mundo e uma boa desenvoltura no que tange a compreensão de textos diversos para que, assim, possa compreender e utilizar seus instrumentos dentro da universidade.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo teve como proposta analisar e identificar o perfil linguístico e crítico além da competência e autonomia leitora dos estudantes universitários ingressos nos cursos superiores em Paraíso do Tocantins – TO e assim, constatar se existe de fato o analfabetismo funcional nestas turmas. Seu objetivo é tecer algumas considerações sobre o quadro de defasagem de leitura, interpretação e escrita por parte dos alunos de cursos superiores e seu possível prejuízo quanto a sua formação.

O estudo contou com uma pesquisa qualitativa para o qual foi utilizada aplicação de diversos exercícios de interpretação de textos, charges e imagens (utilização de textos verbais e não verbais) durante um semestre letivo em sala de aula em duas turmas distintas de curso superior em Paraíso do Tocantins – TO. No primeiro momento, as atividades foram entregues aos alunos para que os mesmos as resolvessem individualmente. No segundo momento, foi aberto para discussão e explanação dos exercícios mediados pelo professor da disciplina para que se chegasse à resolução dos mesmos. Este estudo também contou com uma revisão bibliográfica a fim de embasar melhor os dados coletados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na resolução das atividades, houve debates acerca das várias leituras sobre um mesmo tema, encontrando muitas dificuldades principalmente na assimilação da utilização da linguagem não verbal. As discussões seguiram de provocações feitas pelo professor, o que resultou em uma assimilação



peçoal por parte de cada aluno, envolvendo questões religiosas e, muitas vezes, desconexas. Assim, ao final do debate sobre cada atividade proposta, os estudantes travaram uma interminável discussão sem fundamentação científica ou de conhecimento de mundo. A partir das discussões obtidas e de repetidas aplicações de diversas modalidades de textos, durante um semestre letivo, constatou-se a presença do analfabetismo funcional em 80% das turmas, onde as análises feitas por elas tinham um teor imaturo e restrito. Apenas 20% dos alunos conseguiram solucionar todas as atividades propostas alcançando o objetivo dos exercícios, apresentando uma assimilação madura e eficaz dos mesmos.

Marini (1986, p.50), lembra que no nível superior, estudar é uma exigência que demanda porção significativa de leitura independente. Nesse mesmo sentido, Oliveira (1993) alerta que o aluno já deveria apresentar comportamento de um bom leitor, ao entrar para a universidade, pois a leitura constitui-se em um dos elementos fundamentais na metodologia de estudo ao longo do 3º grau. Há pesquisas descrevendo deficiências de linguagem, inadequação das condições de estudo, falta de habilidades lógicas, problemas de compreensão em leitura e dificuldade de produção de textos, que acabam por comprometer o desempenho acadêmico do universitário, porque dele se espera que seja capaz de integrar as novas informações e conhecimentos que recebe na universidade ao seu universo pessoal (Mercuri, 1992; Carelli & Santos, 1998; Serpa & Santos, 2001).

Para Foucambert (1994) o analfabetismo funcional envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominam essas técnicas de correspondência grafo - fonética em certo período de sua vida, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício com elas. Nesse contexto, o papel da escola é questionado, como são questionadas as políticas públicas, que primam pela alfabetização da população, mas não por uma efetiva capacitação do sujeito a ler de forma competente e crítica.

4. CONCLUSÕES

A partir das exposições teóricas e dos resultados obtidos, pôde ser observado que o sistema adotado para se educar um indivíduo está diretamente atribuído à escola, como se esta fosse a única responsável pelo pleno desenvolvimento e preparo para o exercício da cidadania dos indivíduos. Esquece-se que a formação é feita sob parcerias entre escola, comunidade e principalmente com a família. Não se pode deixar de mencionar que boas condições escolares, professores capacitados e instrumentos diversos no âmbito escolar são necessários para que se possa efetivar uma educação de qualidade, mas não se pode esquecer também que vários fatores externos sempre irão contribuir para essa efetivação. A cultura familiar no que diz respeito à valorização da leitura é imprescindível na formação do leitor. Esse estímulo garante não só o hábito, mas também o acesso às várias habilidades que a leitura pode proporcionar. O processo educacional envolve a tomada de consciência da realidade vivida, sem abandonar o sonho e a utopia de transformação que motiva todo educador. A universidade que queremos é a que dá asas, que estimula a construção do conhecimento e nos permite formar profissionais humanos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

AROUCA, E.A. **Validação de um Material Programado de Linguagem Escrita Aplicado a Universitários.** (Dissertação de Mestrado), Puccamp, 1997.

AZEVEDO, M.A. **Para a construção de uma teoria crítica em alfabetização escolar.** São Paulo: Cortez, 1995.

CARELLI, M. J. G. & SANTOS, A.A.A. **Condições Pessoais e Temporais de Estudo em Universitários,** Campinas, *Psicologia Escolar e Educacional*, 2, 265-278. 1998.

FERREIRA, S.P.A.; DIAS, M.G.B.B. – **A escola e o ensino da leitura – Revista Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 7, p. 39-49, jan./jun. 2002.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artmed, 1994.



- FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HIRSCH Jr., E. D. **Cultural Literacy**. New York: Vintage Books (Random House) 1998.
- KOHL, M.O. **Letramento, cultura e modalidades de pensamentos**. In: KLEIMAN, Ângela B (Org). Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.147-160, 1996.
- KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita; Formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.
- LOPES, I. A. **Cenas de letramentos sociais**. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200426625001019032P0>> acessado em: 20 out 2006.
- MARINI, A. **Compreensão de leitura no ensino superior: teste de um programa para treino de habilidades**. (Tese de doutorado) São Paulo - USP, 1986.
- MERCURI, E. N. **Condições Espaciais, Materiais, Temporais e Pessoais para o Estudo, Segundo Depoimentos de Alunos e Professores de Cursos de Graduação da Unicamp**. (Tese de Doutorado), UNICAMP, 1992.
- OLIVEIRA, M. H. A. A. **A leitura do universitário: estudo comparativo entre os cursos de Engenharia e Fonoaudiologia da PUC – Campinas, SP**. (Dissertação de Mestrado) 1993.
- PELLEGRINI, M. C. K. **Avaliação dos Níveis de Compreensão e Atitudes Frente à Leitura Em Universitários**. (Dissertação de Mestrado), USF, 1996.
- SERPA, M.N.F. & SANTOS, A.A.A. **Atuação no Ensino Superior: Um Novo Campo para o Psicólogo Escolar, Psicologia Escolar e Educacional**, 5 ed, Campinas, SP, 2001.
- SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- SMITH, F. **Leitura significativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- TERZI, S.B. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados**. In: KLEIMAN, Ângela B (Org). Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 91-118; 1995.
- TESSARO, N. S. **Leitura na vida de universitários: estudo comparativo entre instituições do ensino superior**. In: WITTER, Geraldina P. (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.
- WITTER, G. (Org.). **Leitura: textos e pesquisas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999.